

Invasores voltam ao Plano

DE um Nardo
Derrubada de barracos, pela fiscalização da Terracap, não chega a intimidar

Fotos Sebastião Pedra

Valdeci Rodrigues

Os invasores resistem e continuam ocupando vários pontos do Plano Piloto, apesar do trabalho de fiscalização da Terracap. Muitos barracos são reconstruídos nas mesmas áreas, depois de serem destruídos pelos fiscais. Os irmãos Silva Barros são exemplo dessa resistência. Ontem, eles terminavam a construção de um novo barraco na 201 Norte, onde moram cerca de 60 pessoas. "No meio da rua a gente não fica", argumentou Ricardo Silva Barros, 20 anos, ao lado de quatro irmãos, todos lavadores de carro. Ele conta que já teve dois barracos destruídos pela fiscalização da Terracap, nos dois meses em que reside no local.

"Quantas vezes derrubarem, a gente reconstrói", afirma Ricardo Silva Barros, que veio de Feira de Santana (BA). Antes de se fixar na 201 Norte, eles dormiam nas proximidades da Rádio Planalto, "um lugar de muito movimento", onde eram confundidos com "pés inchados". João Crisóstio Alves da Silva, 31 anos, afirma que há dois meses seu barraco foi derrubado. Hoje ele teme construir outro e perder o trabalho. "Coloquei essa cabana aqui para ir passando", contou.

Embalando um casal de gêmeos de oito meses, João Crisóstio garante que não vai morar debaixo

de uma ponte com os filhos e com a esposa, Laura Maria de Melo, 31 anos. A sobrevivência da família é garantida com a "compra e revenda de cobre, alumínio e garrafas". Ele calcula que há três anos mora na quadra e que existiam oito barracos no local há dois meses.

Samambaia

Francisco Ferreira da Silva, 37 anos, passa os dias da semana com sete colegas em frente ao Ceub, comercializando ferro-velho. Todos moram em Samambaia, onde passam os finais de semana, quando têm dinheiro. "Tenho um barracão lá, mas tenho que ganhar a vida por aqui", conta Francisco Ferreira. "Morei nove anos debaixo daquele pé de pau", revela Francisco Ferreira. Há cerca de um ano, ele foi obrigado a se mudar para Samambaia.

"Lá não dá para ficar", reclama Francisco Ferreira. Trabalhar "fichado" não assegura o sustento da família, segundo Lauro Crispim da Silva, 33 anos, pai de dois filhos, companheiro de trabalho de Francisco Ferreira. Mesmo dormindo debaixo de uma lona, ele acha que vale a pena o sacrifício. "Podemos ficar três dias sem fazer nada. De repente, podemos faturar Cr\$ 50 mil num dia", explica. A condição para que continuem no terreno, segundo Francisco Ferreira, é não construir nenhum barraco no local.



Os invasores resistem à fiscalização da Terracap e não abandonam o Plano Piloto, onde a sobrevivência é menos difícil

Tudo pela sobrevivência

Luís Francisco de Souza, 39 anos, mora há seis meses numa barraca de camping no início da W/3 Norte, em frente ao Conjunto Nacional. "Estou debaixo desse pau para ver se o presidente Collor olha para cá", disse. Na companhia da esposa, Oneida Lima de Souza, 22 anos, grávida de oito meses, ele divide o pequeno espaço com duas filhas menores e com José Francisco de Souza, 65 anos, amigo da família.

Luís Francisco está encontrando dificuldade para vender os caminhões de lata e madeira que fabrica e expõe na beira da pista. Ele veio de Pernambuco, já trabalhou de pedreiro, ajudante e zelador. "Terminei assim, debaixo de um pé de pau. Escapo à tardinha, trago um osso, qualquer coisa para pôr no fogo", revela. O sonho de Luís Francisco é conseguir dinheiro para construir uma casa para suas filhas.

Oneida Lima de Souza conta, indignada, que quando era criança ouviu dizer que Brasília, era a capital dos pobres. "Mentira. É a capital dos ricos", acrescenta, na esperança de que suas filhas possam estudar quando crescerem, "sejam gente na vida e não precisem pedir esmola". O casal possui um lote perto de Brazlândia, mas não conseguiu comprar material para construir um barracão. "Para ficar no meio do tempo, prefiro ficar no meio da rua", afirma.

Leite

Oneida Lima diz que precisa de três litros de leite por dia para alimentar Sandra Cristina, um ano e meio, e Roberta Kely, um ano e sete meses de idade. "Com o dinheiro dos carrinhos, às vezes dá para

comprar. Mas o pessoal acha que Cr\$ 1 mil 500 é caro. Eles gastam mais do que isso com cachaça", reclama. Ela ressalta que não pede esmola para sustentar homem nenhum. Por isso, Luís Francisco de Souza tem que se virar para sustentá-la.

"Às vezes, acho que é preferível roubar. Quando a gente pede, recebe xingamentos. Trabalhar não vale a pena", argumenta. Ela chegou a Brasília aos 10 anos de idade e já perdeu "a conta dos lugares miseráveis" onde morou. Sua família é também muito pobre e não pode ajudá-la. Oneida Lima vai "dar à luz no meio da rua, se não tiver condições de ir a um hospital".

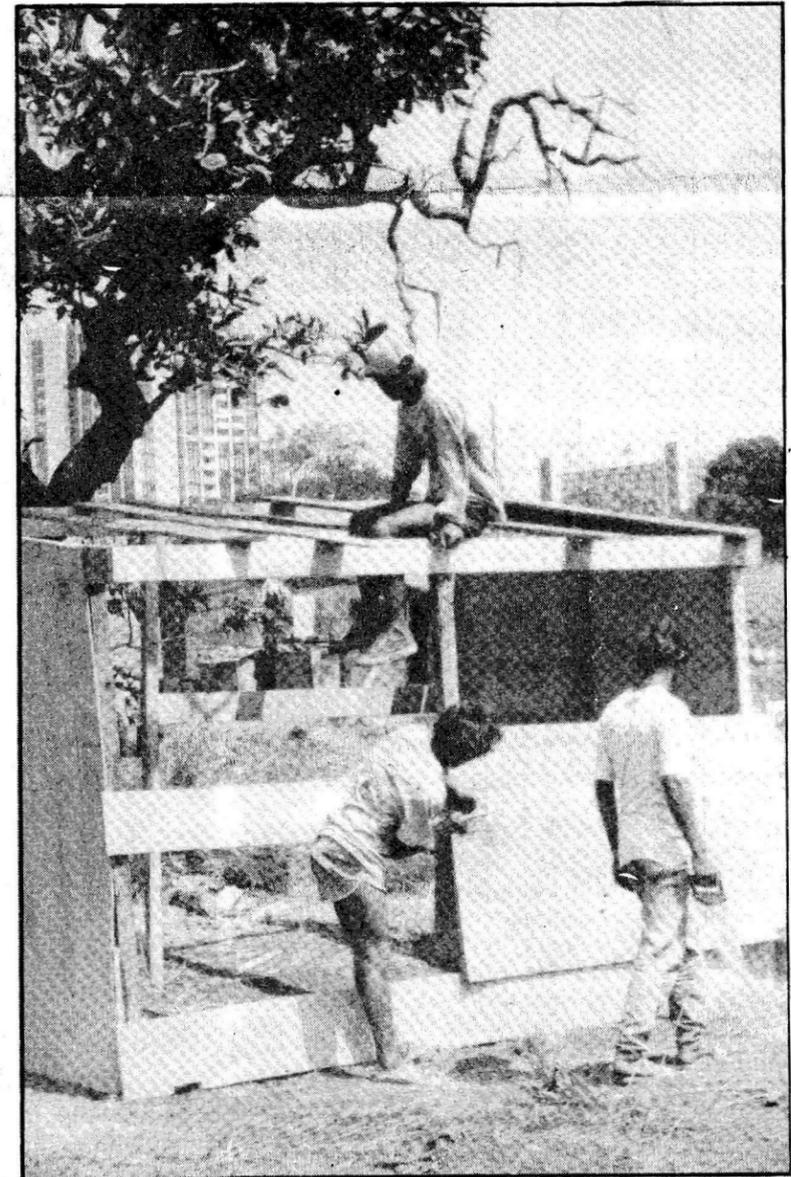
Aluguel

"Tô na sobra desse casal. Não tenho ninguém aqui", confessa José Francisco de Souza, que conhece Luís Francisco desde quando morava em Petrolina (PE). Ele é padrinho de Roberta Kely e diz que vai morrer na companhia da família. "A velhice me impede de trabalhar. Não posso subir num andaime que me dá tontura", assegura José Francisco, revelando que nunca "trabalhou com documento" durante o tempo em que foi pedreiro.

José Francisco calcula que é pai de 36 filhos, com dez mulheres diferentes, "todos hoje jogados no mundo. Uns, estão bem. Outros, pedem esmola para comer". Luís Francisco lembra que já trabalhou "fichado" em Brasília. Há cerca de seis meses, seus documentos foram roubados na Rodoviária do Plano Piloto. "Paguei tanto aluguel, que nunca mais me equilibrei", acredita ele. (V.R.)



Dois filhos de Luís Francisco dividem a barraca com 3 adultos



Os irmãos Barros voltam a construir um barraco na 201 Norte